

Mzungu

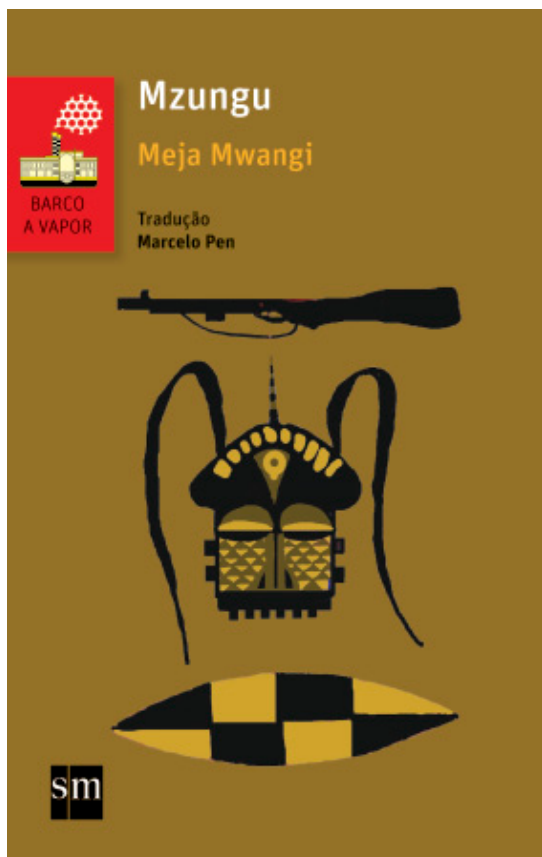
Meja Mwangi

Tradução Marcelo Pen

Temas África / Conflitos políticos / Amizade / Respeito pelas diferenças / Relações familiares / Morte



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição
Série Vermelha
168 páginas

O LIVRO O eixo central de *Mzungu* é a amizade entre um menino africano, negro, e um garoto europeu, branco, numa fazenda do Quênia em meados de 1950. Nessa época, o país ainda está sob domínio britânico. No momento em que se passa a história, grupos guerrilheiros, os chamados *mau-mau*, lutam contra o império inglês.

Em meio a conflitos políticos, violência e preconceito, os garotos, de mundos opostos, estabelecem uma grande amizade e decidem caçar um facoquero apelidado de Velho Moisés, um temível porco selvagem. Topando aventuras, passando por grandes perigos e vivenciando uma revolução política (a independência do Quênia), os garotos descobrem o valor da verdadeira amizade.

O AUTOR Meja Mwangi é um dos mais importantes e premiados autores africanos. Nasceu no Quênia em 1948 e trabalhou com cinema e televisão como diretor e cinegrafista. É autor de diversos livros para crianças, jovens e adultos. Em seus livros, Meja Mwangi fala sobre o cotidiano dos habitantes do Quênia, refletindo sobre seu modo de vida.

Mergulhando na temática

RITOS DE PASSAGEM

Praticamente todas as culturas possuem ritos que simbolizam a chegada de uma criança à vida adulta. Em muitos deles, a passagem está intimamente vinculada à iniciação sexual, mas raramente é apenas isso. Todo um conjunto de práticas e saberes é transmitido àquele que será iniciado, e posteriormente exigido dele.

Mzungu não apresenta objetivamente nenhum rito de passagem. Não há qualquer festa a comemorar o crescimento de Kariuki, nem a vitória dele sobre alguma prova que lhe tivesse sido colocada.

O rito de passagem que está presente em *Mzungu* é de outra ordem. As provas vencidas por Kariuki foram colocadas por ele mesmo e por Nigel. Tal emancipação é obviamente relativa, mas o respeito que ele passa a conseguir nas suas relações pessoais e sociais quando está de volta à aldeia (com a tarefa cumprida) simboliza um processo de individuação característico dos ritos de passagem.

NEOCOLONIALISMO EUROPEU E RESISTÊNCIA AFRICANA

A partir do século XV, com as investidas marítimas portuguesas, a África passa a despertar o interesse dos europeus. Durante séculos, porém, esse interesse é predominantemente escravocrata: a tarefa se resume em capturar escravos e exportá-los às colônias de exploração nas Américas. Às vezes também são construídas feitorias na costa africana, que visam servir como portos de embarque de escravos e como pontos de apoio ▶

INTERPRETANDO O TEXTO

DUAS REALIDADES, UMA AMIZADE

O que é o mundo de um menino de 12 anos? O que ele consegue perceber da realidade que o circunda? Como se estabelecem as relações sociais e afetivas que ele vai construindo?

Em *Mzungu*, o narrador-protagonista é uma criança africana que vive no Quênia em meados da década de 1950, em uma aldeia dentro de uma fazenda que pertence a um inglês, *bwana* Ruin. Todas as relações que são forjadas nesse ambiente de colonização ajudam a compor os **ritos de passagem** que Kariuki atravessará ao longo da narrativa.

“Não sei ao certo quando ouvi pela primeira vez a palavra *mau-mau*”, diz Kariuki logo no início do livro. “Pode ter sido durante a primeira investigação, depois que a arma de *bwana* Ruin desapareceu e disseram que ela havia sido roubada pelos *mau-mau*.” (p. 9).

Os *mau-mau* eram grupos de quenianos que, refugiados nas matas, lutavam contra a opressão do branco colonizador, promovendo duras investidas contra propriedades britânicas, com o intuito de expulsar os colonizadores. A passagem também nos apresenta o colonizador inglês, na figura de *bwana* Ruin, que promove uma verdadeira devassa na aldeia de trabalhadores em busca da arma que havia desaparecido.

A atitude de *bwana* Ruin mostra que as relações entre colonizadores e colonizados é permeada por muita violência e dominação.

A violência, às vezes física, outras vezes moral, marcou a vida de muitas crianças africanas (e de adultos) do período conhecido como **neocolonialismo**. Mas a violência narrada pelo nosso protagonista extravasava os limites das relações entre colonizados e colonizadores.

Ela se desdobra também nas demais relações entre os próprios africanos: Kariuki apanha frequentemente do pai e do irmão mais velho. Habitado com a violência, ele apenas aguarda, aventura depois de aventura, quais serão os castigos do pai, da mãe ou de *bwana* Ruin.

É nesse contexto que nosso protagonista conhece um menino branco: o neto de *bwana* Ruin. Para Kariuki, porém, o menino não é simplesmente um *mzungu* (menino branco), ele é Nigel, e passa a ser companheiro de muitas aventuras.

A saga de *Mzungu* tem início no encontro dos dois meninos: um encontro meio desajeitado, em que para Kariuki ficam



aos navios europeus que fazem a circunavegação no continente.

Alguns séculos se passam até que as potências europeias decidam estabelecer real e completo controle sobre porções do território africano. É apenas no final do século XIX que Alemanha, França, Portugal, Inglaterra, Bélgica e Holanda promovem a chamada “partilha da África”, reservando a cada qual uma parcela do continente. À Inglaterra coube o que conhecemos atualmente como Quênia, entre outros territórios.

A partir de 1880, os ingleses se estabeleceram por ali, mesmo enfrentando forte resistência de alguns povos nativos, como os *massai* e o *kikuyu*. Com poder bélico superior, os britânicos controlam as revoltas e assumem definitivamente o controle sobre a região.

Para conseguir constituir uma administração centralizada e poderosa, os britânicos optam por estabelecer colonos em fazendas de exploração agrícola ou mineral. Os nativos, obviamente, são expropriados de suas terras e permanecem nelas apenas ao aceitar trabalhar para os ingleses – como o que é retratado em *Mzungu*.

Esse modelo de colonização é implementado em toda a África, ignorando as fronteiras existentes tradicionalmente entre os povos nativos. Dessa maneira, num mesmo território administrado por franceses, ingleses ou portugueses, convivem (não em harmonia) povos historicamente inimigos.



evidentes as “ignorâncias” de Nigel e para este as “ignorâncias” de Kariuki. Numa relação propensa ao preconceito e à discriminação, as primeiras impressões sobre o que o outro ignora bastam para estabelecer a proximidade entre os meninos. Os dois vão intensificando a amizade, ultrapassando os limites culturais e vivendo experiências intensas juntos. O novo amigo do nosso narrador (um menino de vida urbana na Inglaterra de meados do século XX) o impele a diversas transgressões. Além de pescar (atividade proibida por *bwana* Ruin), eles se aventuram floresta adentro e se põem a caçar.

Eis que surge, então, a figura do Velho Moisés, um façoquero enorme e temível, que assume as feições de um verdadeiro monstro e, por isso mesmo, fascina os meninos e passa a ser o objeto da caça. Em uma dessas caçadas ao porco selvagem, Nigel se perde de Kariuki e acaba capturado pelos *mau-mau*. O grupo parece depositar na captura alguma esperança de que *bwana* Ruin deixe suas terras e as devolva aos nativos, seus legítimos ocupantes. Kariuki sabe de todos os riscos que Nigel está correndo e resolve procurá-lo. *Bwana* Ruin também coloca seus homens em busca do neto até que Kariuki encontra Nigel em uma caverna e tenta levar o amigo de volta para casa. Mas no caminho os meninos são novamente capturados pelos *mau-mau*.

O quadro se complica para Kariuki, que sabe que Hari, seu irmão mais velho, está no grupo dos rebeldes. Depois de muita discussão, os *mau-mau* resolvem deixar os dois prisioneiros à própria sorte, presos na caverna, e fugir da floresta para as montanhas. Hari os liberta à revelia do grupo e os dois garotos partem em direção à fazenda. No caminho, confuso, Kariuki encontra o esquadrão que estava à procura de Nigel e dos terroristas. Quando Nigel conta ao comandante que havia sido capturado, o comandante pergunta para qual direção foram os rebeldes. Kariuki diz que foram para a montanha. Graças a Kariuki, portanto, Nigel retorna em segurança para casa. Porém seu irmão Hari é assassinado pelos soldados de *bwana* Ruin.

Vívidas todas as experiências narradas nesse livro, Kariuki não apenas atinge a linha que o separa da vida adulta, mas a atravessa, cumprindo dolorosos ritos de passagem. Tais ritos também fazem Kariuki ser aceito e respeitado como indivíduo – e não apenas como criança, sem nenhuma voz na hierarquia da aldeia.

A amizade entre Nigel e Kariuki, além de representar o encontro de dois mundos distintos (o europeu e o africano, o colonizador e o colonizado), também revela o encontro entre o habitante



Os nativos africanos nunca deixaram de resistir à colonização de suas terras e à exploração de seu povo. Ao contrário, muitos foram os que morreram nas mãos dos europeus por formarem grupos rebeldes ou milícias contra a dominação. Os *mau-mau*, do Quênia, são um dos expoentes dessa resistência.

Quando a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) termina, as potências europeias colonizadoras estão enfraquecidas e, com isso, muitos grupos que lutam pela independência africana se fortalecem. A opinião pública das próprias nações colonizadoras também levanta sua voz contra a colonização. Essa combinação de fatores faz com que muitos territórios se tornem independentes entre meados da década de 1950 e meados da década de 1970. Contudo, ainda hoje, potências europeias mantêm territórios na África sob sua administração.

A reunião num mesmo território de povos historicamente inimigos acabou por gerar problemas que se perpetuam até os dias atuais. Talvez o exemplo máximo seja o do Congo, mas há também Angola e outros países que vivem em meio a uma guerra civil aparentemente sem fim, na qual diferentes etnias reivindicam o direito de se constituir como autoridade política.

A INDEPENDÊNCIA DO QUÊNIA

A história de *Mzungu* se passa numa época em que os *mau-mau* estavam começando a se organizar e a intensificar suas ações contra a dominação inglesa.

da cidade e o habitante do campo. Esse é um ponto bastante importante da narrativa de *Mzungu*. Como se pode depreender dos diálogos entre os dois ao longo do livro, Kariuki, o narrador, menciona em muitos momentos a “ignorância” de Nigel acerca de assuntos que para ele são banais.

Nigel pesca com dificuldade, por exemplo. Detesta alguns frutos que Kariuki come. Não percebe a importância da percepção de que uma tromba d’água está por vir. Não caminha com destreza pela floresta. Essas são características que o habitante do campo conhece bem, já que convive com elas a todo momento. Por outro lado, Kariuki também revela ser profundo desconhecido do mundo urbano e europeu do seu amigo branco. É lapidar o diálogo em que o protagonista pergunta a Nigel se é possível chegar à Inglaterra andando, ou se a terra de Nigel fica mais longe que as montanhas.

Na narrativa de Meja Mwangi, os conflitos que nascem do encontro entre o rural e o urbano estruturam boa parte da relação entre os dois personagens. Isso fica evidente na narração de Kariuki, uma vez que ele não percebe que Nigel e ele se opõem em dois mundos diferentes por conta da colonização britânica.

Para diversas sociedades, em diversos momentos da história, a floresta representou o espaço do desconhecido: um lugar temido, semelhante às trevas no imaginário. Na Europa medieval, por exemplo, a floresta era o lugar das bruxas, dos feitiços, do indomado, das feras.

Na narrativa de *Mzungu*, vemos a floresta aparecer de formas diferentes para os meninos. Para Nigel, europeu urbano, a floresta é fundamentalmente um lugar de exploração: o menino tem vontade de desbravar aquele mundo desconhecido e sedutor, conhecer seus encantos. Para Kariuki, no entanto, a floresta é, antes de tudo, um lugar de respeito. O desconhecido da floresta, para Kariuki, soa quase natural. Deve até certo ponto permanecer desconhecido e inexplorado. Na África, a floresta é absolutamente

Os grupos *mau-mau* se refugiavam nas matas, na intenção de não serem massacrados pelas forças leais à coroa britânica. Ali organizavam-se, armavam-se e planejavam suas ações.

Esses grupos tornam-se possíveis no Quênia graças à tradição guerreira de seus povos nativos,





particularmente os *massai* e os *kikuyu*. É a partir da estrutura tribal desses povos que os quenianos podem paulatinamente se organizar e lograr importantes conquistas.

É fato que, por volta de 1963, o interesse britânico na exploração do Quênia já não é tão intenso quanto fora anos antes. E o sucesso da ação dos *mau-mau* tem muita relação com isso: o custo de manutenção da administração colonial fica alto demais. Além do que é investido em dinheiro, muitos ingleses acabavam morrendo tragicamente no Quênia – o que fez com que a opinião pública inglesa começasse a questionar a colonização. Nesse contexto, os *mau-mau* conseguem expulsar os ingleses do território e a Inglaterra se vê forçada a reconhecer a independência do país.

vital para a sobrevivência das pessoas. Ali se buscam caça, frutos e ervas medicinais para curar diversas enfermidades. Podemos ainda nos lembrar, por exemplo, da religião dos orixás que, como se sabe, é de origem africana. Cada orixá representa e personifica um elemento natural importante (pedras, árvores, água doce etc.).

No que diz respeito à narrativa em si, embrenhar-se na floresta aparece como uma importante metáfora. Os dois meninos, em suas aventuras (e particularmente na aventura final), entram na floresta como quem mergulha em um mundo novo, inexplorado e rico. Na relação com a floresta, Nigel e Kariuki encontram o desconhecido (como eram, um para o outro, também desconhecidos). Desbravam a floresta como quem desbrava a própria vida: tornam-se amigos e vencem os obstáculos que os separam da vida adulta.

O livro emociona pela vivacidade com que foi escrito. Ao mesmo tempo, apresenta uma experiência única, fruto de uma realidade histórica e geográfica bem específicas. O autor Meja Mwangi soube cruzar determinado processo histórico com a história de vida de um personagem. Não se trata apenas de inseri-lo em um contexto específico. O que vemos aqui é de uma intensidade tal que o próprio processo de amadurecimento de Kariuki termina por se fundir com o processo de emancipação e construção da **independência do Quênia**.

DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Mzungu pode ser considerado um livro de aventuras, uma narrativa de época ou até mesmo uma espécie de relato pessoal, à maneira de um diário. Definir o gênero dessa história antes de empreender um trabalho com os alunos é importante. Essa análise pode ajudar a planejar melhor as atividades que serão propostas em relação ao texto.

É interessante lidar, antes e ao longo da leitura, com *antecipações* que os alunos podem fazer: o que quer dizer *mzungu*? Onde fica o Quênia? Qual a história desse país? O que os alunos sabem sobre o continente africano? Essas são algumas das muitas questões que podem surgir – ou ser estimuladas – antes da leitura.

DURANTE A LEITURA

Antecipar o que pode acontecer com os personagens é essencial no exercício de construção de vínculos entre os alunos e o livro. A cada aula, o professor pode reservar um tempo para que

todos ajudem a elaborar uma lista de previsões sobre os acontecimentos e, com isso, falar um pouco mais sobre a história e cultura africanas.

É fundamental que, em algum momento da análise da narrativa, o professor proponha uma discussão sobre o preconceito. Provavelmente, os alunos tenderão a encontrar nas diferenças de tons de pele a explicação para muitas das atitudes de discriminação. Importa aqui, então, buscar o que está, na África de meados do século passado, no cerne da discriminação racial e do preconceito: a própria colonização, promovida pelas potências europeias, e a consequente submissão dos povos africanos.

Em outras palavras, não se trata apenas de discriminação racial. O que temos em *Mzungu* é a compreensão de que as relações de exploração, de violência e de segregação decorrentes da colonização influem nas relações interpessoais. Como vimos, as relações de Kariuki estão cercadas pela violência e pela submissão. Compreender toda essa estrutura complexa (que foi, em parte, o que Kariuki também aprendeu em sua jornada) talvez seja o que mais importa num trabalho de leitura com os alunos.

A partir disso, a discussão pode ser ampliada para uma rica reflexão acerca das relações entre os acontecimentos históricos e a vida de cada um: em que medida o contexto histórico no qual vivemos interfere na vida cotidiana?

DEPOIS DA LEITURA

Considerando que aquilo que está identificado na narrativa como um dos focos principais é o encontro entre mundos bastante distintos (o mundo urbano e o rural, o europeu e o africano, o do colonizador e o do colonizado), valeria a pena propor aos alunos que fizessem um exercício de leitura e escrita.

O professor pode selecionar de antemão alguns trechos do livro em que, em vez de Kariuki, Nigel pudesse ser o narrador. Em seguida, seria interessante organizar a classe em pequenos grupos de até três alunos. Cada grupo pode ficar responsável por um dos trechos selecionados pelo professor. O trabalho consiste em propor que cada grupo releia o trecho selecionado e pense em como ele seria escrito caso fosse narrado por Nigel.

Os grupos podem discutir e todos podem fazer anotações para depois, individualmente e em casa, escrever aquela parte da história com o narrador diferente.

Na discussão posterior sobre as produções dos alunos, o professor pode propor que se verifique se há os elementos de estranhamento e, ao mesmo tempo, de fascinação que Nigel, provavelmente, emitia a respeito de Kariuki e, assim, continuar trabalhando e chamando a atenção dos alunos para o olhar sobre o outro, sobre as diferentes maneiras de se perceber a mesma realidade.

ELABORAÇÃO DO GUIA DANIEL HELENE, PROFESSOR DE HISTÓRIA DA ESCOLA DA VILA, SÃO PAULO; PREPARAÇÃO RODRIGO VILLELA; REVISÃO GISLAINE MARIA DA SILVA E CARLA MELLO MOREIRA